

SOBRE A TÉCNICA DAS CONSTELAÇÕES FAMILIARES (*)

Jakob Robert Schneider

Em nossa compreensão preliminar, entendemos "técnica" como um meio para a realização de um fim humanamente estabelecido. Ela tem um caráter instrumental, pois é usada como um instrumento para se obter determinada utilidade. No desenvolvimento e ampliação das antigas habilidades artesanais, a moderna técnica, como aplicação prática da ciência moderna, caracteriza-se por três outros critérios: precisa ser segura e proporcionar-nos segurança; torna previsível o seu objeto; e confere ao método, com o qual abordamos o objeto utilizável, a precedência sobre aquilo que pode ser utilizado de forma segura¹.

Tal entendimento da técnica não coincide com o procedimento fenomenológico que adotamos nas constelações familiares. É verdade que as utilizamos como um método para processos anímicos de solução e cura. Contudo, o procedimento metódico fica em segundo plano com relação à dinâmica familiar que ele revela e às soluções que aponta. O que se evidencia através desse trabalho não pode ser previsto com segurança, tanto no que se refere ao processo dessa revelação, quanto no que diz respeito ao resultado de tal processo. O procedimento metódico utilizado nas constelações familiares requer abertura em face de seu resultado, e só é bem sucedido na ausência de intenções e de preconceitos intelectuais.

Apesar disto, justifica-se falar de uma técnica de constelações familiares. Pois, na maioria dos casos, comprovou-se o valor de um procedimento metódico, que pode ser transmitido e proporciona uma certa segurança na condução desse trabalho. O procedimento prático utilizado nesse processo requer uma série de atenções e habilidades que estão a serviço da percepção terapêutica e do processo liberador e que podem ser comunicadas. Esses requisitos serão tratados a seguir.

Quando falamos da técnica das constelações familiares, não a entendemos no sentido matemático das ciências naturais, mas antes à semelhança de determinada técnica de fazer uma pintura ou de tocar um instrumento. A composição de uma peça musical ou a criação de um poema exigem igualmente, via de regra, uma técnica, que, entretanto, fica em segundo plano em relação ao resultado. Aquilo que se mostra num quadro, numa música ou num poema não pode ser previsto, determinado, apreendido ou assegurado com o auxílio da técnica utilizada no processo da criação. Assim, o conceito da "técnica", em nosso trabalho, serve aqui simplesmente para distinguir entre "como" se conduz uma constelação familiar e o "que" se revela aí, em termos de dinâmica da alma.

¹ Ver Martin Heidegger, *Überlieferte Sprache und technische Sprache (Linguagem transmitida e linguagem técnica)*, Erker-Verlag, St. Gallen, 1989.

1. A intenção

Para que uma constelação familiar seja bem sucedida, é preciso que haja uma necessidade cuja força sustente o trabalho e conduza o cliente, o terapeuta e os representantes. Ajuda muito quando tal necessidade é claramente formulada. Um problema solúvel geralmente se distingue de um problema insolúvel, na medida em que pode ser expresso numa frase e entendido por todos. A intenção do cliente deve ser formulada com abertura, tanto em relação ao problema ou à necessidade sentida quanto à sua solução, sem apresentação de justificativas para o problema ou de condições para o que possa surgir como solução. Um desejo claro e poderoso pode ser expresso ao terapeuta com o olhar franco, enquanto que um olhar que se desvia para o chão freqüentemente se associa à imprecisão nos sentimentos e na descrição do problema.

Nem sempre o problema ou mesmo a intenção precisam ser claramente formulados, se o que pesa na alma se manifesta através de uma emoção, de um sintoma ou da revelação de um destino funesto. O terapeuta se decide a fazer uma constelação baseado na força que percebe no desejo do cliente e na reação de atenção tensa que provoca no grupo. É fácil, por exemplo, perceber a diferença entre "Eu gostaria de ser mais livre" e "Não agüento mais esta depressão, que já dura anos".

Nem todo cliente consegue expressar sua intenção logo no início de um grupo. Ele talvez ainda precise de tempo e de vivenciar antes o trabalho feito com outras pessoas do grupo. Com muita freqüência, os participantes de um curso mudam sua intenção no decurso do trabalho, porque somente conseguem perceber o essencial a partir das experiências dos outros. Por outro lado, é possível que às vezes, impressionados pelo peso desses destinos, eles recuem das poderosas intenções que expressaram inicialmente e sigam por algum caminho secundário.

Talvez a causa mais freqüente do insucesso de uma constelação reside em que o terapeuta se decidiu a fazê-la, apesar de ter percebido que o problema apresentado pelo cliente ou a forma de sua apresentação -- por exemplo, pela imprecisão, falta de amor ou teimosia -- não sustentaria o trabalho.

A forma breve e concisa com a qual o terapeuta pergunta pela intenção, pelo problema, pela necessidade emergente ou pelo benefício que se espera do trabalho estimula o cliente a responder de forma igualmente breve e concisa. A coragem do terapeuta em encarar qualquer tipo de problema estimula a confiança do cliente, e sua disposição de deixar-se conduzir pela força e pelo amor que atua no sistema familiar incentiva a abertura da alma que se manifesta através do cliente.

A formulação do problema e o gestual que a acompanha fornecem, com freqüência, indicações importantes sobre aquilo de que se tratará na constelação e sobre a dinâmica básica da alma, que pressiona no sentido de uma solução. Portanto, vale a pena dedicar uma grande atenção ao início do processo. É, porém, igualmente importante, na busca da solução, que o terapeuta não se deixe prender e confinar pelo desejo que o cliente manifestou e pelas primeiras informações que prestou.

A montagem de uma constelação não se fixa num problema ou num sintoma a resolver, mas se concentra naquilo que precisa ficar em ordem, em paz ou em sintonia numa

alma. É daí que nasce aquilo que libera, e talvez resida aí também a solução para o problema apresentado ou algo que aja curativamente sobre algum sintoma.

2. O processo da informação

Para conduzir uma constelação familiar, poucas informações são necessárias. O que se requer são os acontecimentos e destinos numa família, não a caracterização de pessoas ou a descrição de vivências pessoais - se bem que uma vivência, narrada em poucas palavras, possa eventualmente abrir caminho para o conhecimento de um importante acontecimento familiar. A maneira como alguém se apresenta e comporta é menos significativa do que os acontecimentos essenciais de sua vida e de seu destino e o fato de ser simplesmente mãe ou pai, embora às vezes a aparência e o comportamento estejam associados ao destino pessoal. A constelação familiar é um método terapêutico que visa descobrir os efeitos de acontecimentos e de destinos.

Que informações são importantes para esse trabalho? Uma primeira pergunta diz respeito às pessoas que pertencem ao sistema. Estas são: irmãos, pai, mãe, eventuais parceiros anteriores dos pais, meios-irmãos, tios e tias, avós e seus eventuais parceiros anteriores, meios-irmãos dos pais; às vezes, também um ou outro dos irmãos de avós e bisavós, quando afetados por um destino impactante. Também pertencem ao sistema pessoas sem vínculo de parentesco, quando a família lhes deve algo de modo existencial, como são pais adotivos e ainda pessoas a quem foi infligida alguma desgraça por membros da família. São pertencentes tanto os vivos como os mortos, até onde habitualmente alcança a memória da família.

Acontecimentos importantes nas famílias são: nascimentos e mortes; mudanças de domicílio especialmente importantes (por exemplo, por deportação ou emigração ou mudança para um ambiente muito diferente); separações, tanto entre filhos e pais quanto dos pais ou parceiros entre si; doenças; vícios que envolvem dependência; acidentes; destinos associados à guerra; suicídios; internações psiquiátricas, etc.

Ao indagar pelas informações, o terapeuta deve distinguir entre dois tipos de acontecimentos: aqueles que pertencem antes ao domínio dos ressentimentos pessoais (por exemplo, uma separação prematura entre a criança pequena e sua mãe), e aqueles que são sistêmicos e por isso, especialmente relevantes para a constelação familiar. Da observação resultam indicações sobre se convém trabalhar com o resgate de um movimento amoroso em direção aos pais ou com a constelação familiar, dentro da qual poderá eventualmente ser encaixado um abraço, como meio de se recuperar tal movimento. Muitas vezes, recomenda-se trabalhar simultaneamente com a solução sistêmica e com o movimento amoroso. Nesse caso, convém começar com o trabalho sistêmico e então, ou num momento posterior, propiciar o movimento amoroso. Isso possibilita distinguir mais facilmente entre os sentimentos adotados de outras pessoas e os ressentimentos pessoais. Às vezes, porém, a dor da criança, proveniente da vivência de separação dos pais, está de tal maneira "à flor da pele" que o terapeuta precisa lidar imediatamente com esses sentimentos, provenientes de um movimento amoroso interrompido.

Mencionarei, a seguir, alguns critérios que ajudam a distinguir se convém fazer de preferência um trabalho sistêmico ou a terapia do movimento amoroso.

CrITÉRIOS para o trabalho sistÊMico são, por exemplo:

- a pessoa se experimenta como se fosse teleguiada, e de algum modo não está presente a si mesma;
- não conhece e não encontra seu lugar na vida;
- ao apresentar-se, dá a impressão de estar meio ofuscada, inapropriada, contraditória ou enredada;
- dá a impressão de estar presa ao problema e de ter permanecido magicamente num cego amor infantil;
- existem na pessoa ou em sua família destinos pesados como mortes prematuras, suicídios, acidentes freqüentes, psicoses, etc.;
- a pessoa coloca em risco, leviana ou compulsivamente, o sucesso de sua vida;
- há um grave desequilíbrio em seus relacionamentos, brigas sérias, faltas de consideração e de reconciliação, conflitos de consciência, sentimentos de culpa, sentimentos de vítima ou medo compulsivo de fazer algo funesto;
- faltam pessoas no sistema, por exemplo, algum filho extraconjugal do pai;
- pessoas do sistema não são levadas em consideração, por exemplo, natimortos;
- silencia-se sobre o destino das pessoas, dizendo-se, por exemplo, que um avô morreu de infarto, quando na verdade suicidou-se.

CrITÉRIOS para o trabalho com o movimento amoroso são, por exemplo:

- a pessoa teve graves experiências traumáticas, sobretudo na primeira infância;
- apresenta as chamadas perturbações "neuróticas": problemas ligados à aproximação, medos, compulsões, etc.;
- dá a impressão de estar "ligada" e aberta quando se imagina abraçada com amor pela mãe ou pelo pai;
- tem dificuldade de tomar e mostra sentimentos de desesperança e resignação, que não correspondem à situação real de sua vida;
- permanece presa na satisfação de necessidades infantis.

As informações recolhidas para a constelação familiar visam responder às seguintes perguntas:

- quem falta e precisa ser acolhido, para que algo se resolva no sistema;
- quem está sendo atraído para fora de um sistema, e para onde está sendo atraído; de quem quer afastar-se ou em lugar de quem deseja partir;
- quem é preciso deixar partir, para que os outros do sistema possam ficar;
- quem talvez possa deter a dinâmica de partir e morrer, caso seja considerado e seu amor seja recebido;
- que destino pressiona para ser repetido através de uma compensação funesta, de modo que uma pessoa só se sente ligada a outra se não estiver melhor do que ela;
- que destino pressiona para ser repetido porque foi encoberto e deseja vir à luz ou não foi honrado e quer ser reconhecido;
- quem foi, através de seu destino, arrancado da vida de forma a parecer "incompleto", e talvez precise ser consumado através de outros;
- que pessoas, vivas ou mortas, não puderam despedir-se;
- que vítima não foi vista e reconhecida, e pressiona para que um póster se assemelhe a ela;
- que perpetrado r não foi visto e reconhecido por seu ato funesto, de forma que um outro deseje segui-lo cometendo um ato semelhante;

- se foi perturbada a ordem num sistema, por exemplo, a hierarquia dos irmãos, ou se não foi assegurada a precedência de um novo sistema, por exemplo, a da família atual sobre a família de origem, ou a do segundo casamento sobre o primeiro;
- se as relações numa família não são confiáveis porque, por exemplo, filhos pressionam por assumir papéis dos pais ou vice-versa, ou porque os filhos querem fazer algo de inapropriado por seus pais, ou porque os pais não preservam a segurança dos filhos.

O mais conveniente é que as informações necessárias sejam perguntadas passo a passo, em conexão com o processo da constelação. Naturalmente, é preciso saber inicialmente quem pertence a um sistema e eventualmente poderá ser incluído em sua representação. As informações restantes podem ser recolhidas de acordo com a dinâmica que se manifesta durante o processo da constelação.

Com frequência é útil também que, antes de começar o trabalho, sejam solicitadas informações sobre os destinos na família. Isto é importante, sobretudo quando alguém ainda não tem muita experiência com constelações e, antes de começar o trabalho, gostaria de obter indicações sobre a direção em que se desenvolverá o processo. O risco que se corre com isso é que as informações nos levem a desviar da dinâmica autêntica que se manifesta no processo da constelação ou que este fique sobrecarregado com as informações previamente recolhidas. Recomenda-se que, antes de iniciar o trabalho, sejam recolhidas informações suficientes sempre que a intenção expressa pela pessoa envolvida ainda não revele uma força clara e o direcionamento para uma solução, e o terapeuta ainda careça de informações que contenham um "peso de alma" e lhe dêem esta segurança: "agora já posso trabalhar".

Muitas vezes, as informações essenciais para uma constelação liberadora só se revelam, de forma totalmente inesperada, durante o processo de sua colocação. Vou citar um breve exemplo.

Uma mulher, que já tinha feito sua constelação e contemplado nela os destinos da família da mãe, queria esclarecer algo de "indefinível" que a separava de seu pai. Numa segunda constelação, ela colocou sua representante num lugar que não competia a uma filha, como se estivesse substituindo uma pessoa que faltava. Mas o que mais impressionou nessa constelação foi que o representante do pai olhava "para um túmulo". Perguntas feitas na ocasião revelaram que o pai tivera anteriormente uma noiva, sobre a qual nada se sabia. Numa rodada anterior, o terapeuta havia interrogado os participantes sobre histórias literárias que foram pessoalmente importantes para eles, e essa mulher citara "A Bela Adormecida", que fala de uma amada excluída pelo pai, e uma história de Ingeborg Bachmann sobre o suicídio de uma mulher. Baseado nessa informação, o terapeuta fez com que a representante da noiva se deitasse no chão, diante do pai, mas não se manifestou nenhuma relação significativa. Então o terapeuta simplesmente virou o pai para fora, como se buscasse a morte. Aí o representante do irmão da mulher exclamou: "Eu bem gostaria de fuzilá-lo pelas costas!" Essa expressão emocionou profundamente a mulher, e ela contou que seu pai sempre sofreu muito porque, quando era um jovem soldado na guerra, tinha fuzilado num bosque, pelas costas, um homem que depois se verificara ser um velho camponês, que trazia flores nas mãos. Com o relato da filha, ficou claro para que túmulo o pai estava olhando e na direção de quem se sentia atraído, e assim foi possível encontrar uma solução que comoveu e aliviou a família.

3. Sistema atual ou sistema de origem?

Para um esclarecimento talvez necessário: **família de origem** é a família onde alguém é filho, e **família atual** é aquela onde alguém é marido ou mulher, pai ou mãe.

Que sistema o terapeuta deve pedir que o cliente coloque? (*No presente contexto e no que vem a seguir falo sempre de sistemas familiares, sem entrar nas características metodológicas do trabalho com outros sistemas de relações como são, por exemplo, uma empresa ou uma equipe*). A resposta à pergunta acima depende muitas vezes diretamente da intenção expressa pelo cliente, por exemplo, a solução para uma briga séria com uma irmã ou uma ajuda para permanecer com o parceiro.

Se eventualmente tal desejo abrange ambas as direções, a precedência geralmente deve caber ao sistema que possua a maior força com vistas à solução desejada. Via de regra é o sistema atual, quando se trata de um problema de peso. O cliente tem a tendência de escapar desse sistema, porque com frequência ele exige as soluções mais dolorosas. O terapeuta não deve colaborar com tal evasão; caso contrário, perderá a confiança do cliente. Por outro lado, ele nada conseguirá insistindo, contra a vontade do cliente, em colocar o sistema atual. Já vivenciei repetidas vezes que, ao pedir a um participante que configure o seu sistema atual, ele espontaneamente vai buscar representantes para a mãe ou um irmão, mostrando que interiormente está voltado para o sistema de origem. Em tal caso talvez seja melhor esperar, até que o cliente manifeste com mais força e segurança a escolha do sistema a ser colocado.

Freqüentemente convém inserir algo do sistema de origem na constelação de um sistema atual, porque muitos conflitos de casais e de famílias decorrem de emaranhamentos nas famílias de origem. Talvez seja preciso que se solte um movimento interrompido em direção à mãe para que alguém aceite a proximidade do parceiro, ou que alguém se despeça de uma noiva do pai ou de uma avó que foi tratada injustamente, para que passe a olhar o parceiro sem mistura de sentimentos estranhos. Quando, porém, existem graves ofensas ou acontecimentos entre o casal ou na família atual (por exemplo, morte ou exclusão de um filho, ou violência), ou quando o sistema atual é muito complexo, provavelmente será preciso, para esclarecer o que nele se passa, renunciar temporariamente a abordar os emaranhamentos do sistema de origem.

4. A escolha dos representantes

Uma constelação começa com a escolha dos representantes. Ela deve ser feita num Único fluxo, sem predeterminação de pessoas e sem critérios. Quando o cliente valoriza determinadas características das pessoas que quer escolher, ele prende a alma, responsável pela escolha, a fantasias e ligações que distraem. Semelhanças na aparência, altura das pessoas ou outras características não influem na percepção dos representantes.

Pois uma pessoa não se torna mãe pelo fato de ser alta ou baixa, e o destino normalmente não depende de características externas. A vantagem de trabalhar com representantes consiste justamente em que eles não se assemelham aos membros da família e aquilo que sentem não depende de qualquer caracterização ou indicação prévia. Desta maneira, podem sentir coisas essenciais que na própria família, devido ao

excesso de informações e à grande proximidade, não podem ser percebidas. O essencial é liberado pelo acaso, e este não se prende a nossos laços pessoais.

É conveniente que a pessoa que coloca sua família escolha ela própria os representantes, pois através dessa escolha ela já introduz no processo a busca e a força de sua alma. Isto, porém, não significa que somente ela possa escolher os representantes "certos". Quando, no decurso de uma constelação, é preciso introduzir outras pessoas, o próprio terapeuta, para agilizar o processo, pode escolher os representantes. Pois pertence às surpreendentes características deste método que pessoas diferentes, colocadas no mesmo lugar dentro de uma constelação, sentem da mesma maneira.

Já no processo da escolha das pessoas é preciso que haja tranquilidade, concentração e uma certa tensão na pessoa que coloca, no terapeuta e no próprio grupo. O "campo" da constelação já começa a ser estruturado com a escolha e a introdução das pessoas. Os representantes precisam estar disponíveis para se deixarem colocar, desfazendo-se de objetos que possam perturbar, por exemplo, de algum chapéu que chame a atenção. Sua energia deve poder fluir livremente, sem ser prejudicada, por exemplo, por um chiclete na boca. Caso alguma pessoa escolhida não se mostre disponível, hesite ou dê a impressão de estar inibida, o terapeuta deve pedir ao cliente que escolha outra pessoa.

Quantas pessoas devem ser incluídas desde o início numa constelação? Isto depende, naturalmente, das dimensões do sistema a ser colocado e do problema a ser resolvido. Como regra geral, devem ser colocadas apenas as pessoas que sejam absolutamente necessárias. É melhor incluir posteriormente outras pessoas na constelação do que sobrecarregá-la ou bloqueá-la, desde o início, com um excessivo número de pessoas. Quando, por exemplo, houver muitos irmãos e seus destinos não puderem ser tratados individualmente, basta começar com aqueles que, pelas informações prestadas, sejam imprescindíveis, incluindo posteriormente os demais na imagem da solução. Quando os sistemas familiares são muito complexos, o terapeuta começa apenas com os membros que pertencem imediatamente à família do interessado e eventualmente com os "anteriores". Quando a família de origem tem uma forte influência sobre a família atual, consideramos inicialmente a dinâmica da família atual e depois introduzimos pessoas relevantes da família de origem. Pode-se ainda trabalhar simplesmente com um sistema reduzido, por exemplo, apenas com a mãe e seu filho, ou com a pessoa em questão e sua doença ou sua morte.

Se já no início precisa ser colocado um número maior de representantes, é necessário ficar atento para que cada um deles saiba, desde o princípio, qual é a pessoa que ele está representando e quem estão representando as demais pessoas escolhidas. Caso contrário, começa com frequência um cochicho entre os representantes, durante o processo da escolha, para saber quem é quem, e com isso se desconcentram. O melhor é que as pessoas sejam escolhidas em alta voz, claramente e numa ordem bem definida. Por vezes, é útil que o terapeuta coloque os escolhidos numa certa ordem provisória que mostre claramente a seqüência dos irmãos.

5. O processo da colocação

A pessoa que coloca seu sistema deve fazê-lo sem se preocupar com épocas e com razões, e sem uma imagem preconcebida. Se o terapeuta tem a impressão de que o cliente está seguindo algum esquema ou alguma imagem preconcebida, deve adverti-lo e pedir que recoloque os representantes, ou então interromper o processo. Se for perguntado se a família deve ser colocada como é atualmente ou como era antes, o terapeuta não deve entrar na questão, mas acentuar a necessidade de uma "ausência de tempo" na colocação. Pertence à essência da alma, e, portanto, também de uma constelação, que sua dinâmica não está confinada a um tempo determinado. Vivos e mortos estão presentes da mesma forma, e freqüentemente não sabemos que acontecimentos e que destinos ainda estão atuando numa família.

Na maioria dos casos, as pessoas colocam a família "corretamente", sem que o terapeuta precise dizer ou explicar muita coisa. Às vezes, é preciso dar algumas indicações introdutórias como, por exemplo: "Coloque sem preocupação de ordem temporal, sem buscar razões, sem imagem preconcebida. Posicione as pessoas em relação umas com as outras, da forma como a família é. Aja de acordo o seu sentimento e confie em seu coração e em sua alma". Talvez seja preciso ainda dizer algo sobre a maneira de posicionar, como: "Segure as pessoas, de preferência com ambas as mãos, pelos braços ou pelos ombros, de frente ou de costas, e coloque-as silenciosamente em seu lugar, sem configurar posturas e sem dar instruções". Então o terapeuta se retira, deixa com o interessado o processo da colocação e confia-se à própria percepção do que acontece. Ele toma atenção para que a pessoa configure o sistema com cuidado e amor e para que, desde o início, as forças do campo possam manifestar-se através da "força" da constelação. A reação de atenção ou de intranqüilidade no grupo indica rapidamente se o tema de uma constelação é importante e se a pessoa que a coloca está realmente envolvida.

Quando alguém coloca sem amor sua família, esquece de posicionar pessoas, assegura que já estão certas no lugar onde por acaso ficaram depois de escolhidas, não sabe onde colocar certas pessoas ou duvida da própria imagem que configurou, o terapeuta pode eventualmente intervir com esclarecimento e incentivo; porém, na maioria dos casos, precisa interromper o trabalho, ainda na fase da colocação. Talvez não seja ainda o momento certo para colocar o sistema, ou o sistema escolhido não seja o adequado. Talvez a lealdade a um membro da família ou a falta de alguém, por insuficiência de informação, esteja bloqueando a constelação. Algumas pessoas colocam seu sistema apesar de estarem talvez excessivamente "saciadas" ou excessivamente "famintas" ou amarguradas, ou têm medo do que possa manifestar-se, ou se sentem pressionadas, por exemplo, pelo parceiro, a colocar o sistema, embora não se sintam dispostas a isso.

Uma moça compareceu a um grupo, por intermédio de sua mãe, para fazer sua constelação. Em virtude de seus medos, sua mãe precisou acompanhá-la de Hamburgo a Munique, para que ela pudesse participar. Quando ela começou a colocar, dava a impressão de estar muito desconcentrada e não sabia onde posicionar as pessoas da família. O terapeuta interrompeu imediatamente, e isto trouxe a ela simultaneamente decepção e alívio. Na rodada inicial do dia seguinte ela contou que, na noite anterior, tivera uma séria briga com sua mãe, por causa da interrupção de seu trabalho. O desejo de sua mãe era que ela se livrasse de seus medos, mas o interesse dela era totalmente diverso; o que ela desejava era encontrar finalmente um relacionamento satisfatório com um homem. Ela afirmou isto com muita força na voz, e o terapeuta imediatamente fez com que ela colocasse de novo sua família. Desta vez, ela o fez com muita clareza e

energia e conseguiu ter com seu falecido pai um encontro que muito a comoveu e aliviou. Indiretamente algo tinha ficado claro também sobre seus medos. Essa segunda tentativa de colocação foi sustentada por sua própria força e por seu direcionamento interior.

6. Deixar agir a imagem que foi colocada

Quando a pessoa, com o auxílio dos representantes, acabou de configurar o sistema das relações familiares, ela se senta, de modo a poder acompanhar bem o que acontece na representação. Também o terapeuta se senta ou se afasta do campo da constelação. Começa uma fase mais ou menos longa de silêncio, em que os representantes entram em contato com seus sentimentos e se concentram no que emerge neles. O terapeuta se deixa impressionar pela imagem que foi colocada. Em termos mais precisos, deixa que esse campo ou a alma da família que foi colocada produza uma impressão sobre ele. Sem se prender aos detalhes, percebe as primeiras reações, freqüentemente sutis, dos representantes, os impulsos de se movimentar, os movimentos corporais intranqüilos, as mudanças na direção do olhar para outros membros da família, um olhar para o chão, para o céu ou para longe, etc. Ao mesmo tempo, o terapeuta fica atento às próprias reações internas, às vezes também corporais, às "imagens" que afloram nele, àquilo que nele fulgura com uma primeira "verdade" (no sentido de um desvendamento). Ele se deixa tocar pelo sistema representado ou pela alma da família. Na medida do possível, "esvazia-se" e deixa-se comover por aquilo que vê e que o toca.

Este é, muitas vezes, o momento mais difícil para um terapeuta, pois nesse ponto ele nada pode fazer, nem sabe para onde o conduzirá a dinâmica da constelação. Talvez seja tentado a formular pensamentos, a compatibilizar a imagem com as informações que já possui ou a refletir como irá proceder. Talvez se coloque sob pressão, como se passasse a depender dele o sucesso ou o insucesso da constelação. Talvez também fique com medo diante do que possa surgir ou não surgir, ou então se entregue a uma segurança precipitada sobre a forma de achar logo uma solução. Porém o que importa agora é aquilo que Bert Hellinger chama de olhar fenomenológico: um olhar "sem saber", "sem intenção", "sem medo". Este é também um momento profundo de participação naquilo que muitas vezes toca uma família no mais íntimo; o olhar e a percepção do terapeuta (e também dos representantes) são acompanhados de respeito e gratidão por poder participar.

Esse primeiro momento silencioso de uma constelação, antes que os representantes comecem a ser interrogados, é de grande importância. Ele é necessário para que se tome consciência daquilo que a alma do grupo está disposta a manifestar.

Quanto tempo deve durar esse silêncio, é algo que o terapeuta geralmente percebe com muita precisão. O silêncio é sustentado por uma força que vai se construindo, por uma tensão e, às vezes, por uma profunda comoção, que vem à tona durante a representação e também mobiliza o terapeuta e o grupo. Quando o terapeuta começa a fazer perguntas cedo demais, o fator que mobiliza não pode desenvolver-se e o processo da constelação fica superficial ou torna-se cansativo. Freqüentemente o terapeuta não confia no próprio olhar e, por conseguinte "necessita" dos representantes e do que eles dizem. Isto, porém, pode sepultar a confiança no terapeuta. Por outro lado, quando ele espera por um tempo longo demais, a energia da tensão se dissipa e os representantes ficam inquietos e

impacientes ou caem num processo que os tira da dinâmica da família que representam e os leva para uma dinâmica pessoal, que então pode falsificar o processo da constelação.

Nem sempre, é verdade, a atitude de deixar que a representação atue resulta numa dinâmica poderosa. Algumas constelações só desenvolvem sua força e sua dinâmica com os passos posteriores. Isso acontece principalmente quando ainda não foram colocadas pessoas decisivas para a dinâmica familiar ou faltam informações importantes. Assim, o terapeuta não deve se deixar perturbar ou desencorajar quando a imagem de uma constelação não apresenta inicialmente profundidade. Embora seja às vezes aconselhável interromper a representação já no princípio, vale à pena, em primeiro lugar, insistir na continuação do processo e confiar em seu bom êxito.

Às vezes aparecem, desde o início, reações estranhas nos representantes. Certa vez, um homem colocou sua família de origem. Mal havia acabado de posicionar os representantes quando estes começaram a cochichar e a rir, e não houve meio de fazê-los parar. O homem ficou muito perturbado e confuso e o terapeuta já pensava em interromper o trabalho, quando uma voz interior o aconselhou a presenciar o riso por mais algum tempo. Então ele perguntou ao homem: "O que aconteceu no casamento de seus pais?" Pois algo na imagem lhe fazia lembrar uma companhia de convidados num casamento. O homem respondeu: "Certa vez me contaram que no casamento de meus pais apareceu uma mulher com uma filha de uns vinte anos. Diante de toda a assistência, ela caminhou até minha mãe, mostrou-lhe a mão da filha e disse: "Esse anel na mão de minha filha foi dado a ela de presente por seu marido, junto com a promessa de casamento". Ao ouvir este relato, os representantes repentinamente silenciaram. O terapeuta introduziu então representantes dessa mulher e de sua filha, que tinham sido supostamente ridicularizadas, e agora elas foram olhadas com emoção.

7. As perguntas aos representantes

Se os representantes estão envolvidos - e quase sempre estão - o terapeuta começa a interrogá-los sobre seus sentimentos. Talvez seja necessário -- sobretudo se os representantes ainda não conhecem o trabalho -- que o terapeuta os incentive a confiar no que sentem e a comunicá-lo abertamente, sem qualquer tipo de consideração. A maioria dos representantes, pelo menos em nosso espaço cultural, tem facilidade de expressar seus sentimentos. As vezes eles expressam não o que surge de seu papel mas o que pensam da situação, fora do contexto da representação, ou dizem o que julgam que deveriam dizer. Na maioria das vezes, basta um curto esclarecimento e incentivo por parte do terapeuta para que entrem na representação. Acontece ainda, com frequência, que os representantes não expressem o que estão sentindo, mas relatem o que estão vendo, ficando presos à superficialidade do olhar e à simples descrição de sua posição. Isto também é geralmente fácil de corrigir através de uma breve advertência quanto ao serviço que se espera do representante numa constelação.

Quem é interrogado primeiro pelo terapeuta? Se o início da constelação ainda mostra pouca dinâmica, ele começa habitualmente pelo pai e pela mãe, passando depois para os filhos. Se, porém, logo ao começar, se manifesta num representante alguma reação nítida, o terapeuta acompanha essa dinâmica com suas perguntas e aborda os representantes que nela estejam claramente envolvidos.

Não é necessário, e freqüentemente é mesmo contraproducente, que todos os representantes sejam logo interrogados, sobretudo nos sistemas maiores. Se uma dinâmica importante se manifesta em alguém, o terapeuta a acompanha imediatamente e, em consonância com ela, começa a fazer as primeiras alterações na imagem. Se ele o fizer, estará acompanhando a força e o fluxo de energia da constelação. Se não o fizer, com a continuação das perguntas a força se dissipa, pelo menos inicialmente. Caso se evidencie depois que seguir a primeira dinâmica não leva à solução e até mesmo desorienta, isso poderá ser corrigido no decorrer do trabalho.

Pode acontecer que um representante nada sinta, mas esteja comunicando algo de verdadeiro com essa ausência de sentimento. Já outros precisam ser contidos em sua loquacidade para que se limitem ao essencial, que pode ser expresso de maneira muito simples e breve. Quando um representante mostra um forte sentimento ou uma espontânea reação física, o terapeuta fica nessa reação não verbal, ao invés de tirar dela o representante incentivando-o a descrevê-la. Com efeito, o que interessa não são tanto as palavras, mas a revelação da dinâmica profunda da alma numa família. Quando as palavras de um representante contrariam a impressão que a dinâmica produziu no terapeuta, este deve confiar também no próprio sentimento e comunicá-lo. Muitas vezes isto contribui para elucidar o que é importante e adequado na expressão dos representantes.

O terapeuta deve ficar atento para que a prontidão de comunicar por parte dos representantes não se autonomize. Existem constelações em que os representantes, da mesma forma como na família real, passam a disputar entre si, o que afasta do essencial. Nesse caso, o terapeuta deve reconduzir os representantes a um silêncio que permita o desenvolvimento do que realmente importa. Alguns representantes se sentem desconsiderados se não são imediatamente interrogados e pressionam o terapeuta no decurso da constelação. Também aqui se deve pedir que se contenham e assegurar a todos que terão oportunidade de dizer o que for significativo. Os representantes, com seus sentimentos e comunicações, são individualmente importantes; contudo, na medida em que estão dentro do sistema, não conseguem ter um olhar de conjunto e um direcionamento para o sistema em sua totalidade. O terapeuta que os acompanha é capaz disso e precisa estar consciente dessa tarefa.

Durante as perguntas aos representantes, o terapeuta não deixa de manter também sob os olhos a pessoa que colocou a família -- que geralmente está olhando e ouvindo de fora --, percebe suas reações pelo canto dos olhos e pode interrogá-la, de vez em quando, sobre o que ela gostaria de dizer sobre as manifestações dos representantes, e se fazem sentido para ela. Um dos principais efeitos de uma constelação para a solução de problemas do cliente reside no fato de ele identificar a si mesmo e a própria família nas reações dos representantes. Assim, embora acompanhando de fora, ele vibra em sintonia com o processo da constelação.

8. A descoberta da dinâmica familiar

O cerne de todo trabalho com constelações consiste em acompanhar as reações dos representantes e aquilo que o terapeuta "vê" e sente, e em fazer as correspondentes alterações e complementações no contexto dos relacionamentos. Nesse trabalho se mostra, passo a passo, o que aflige a alma do grupo e a mantém no destino funesto, bem como o que pode desfazer o emaranhamento ou levar a uma solução final os processos inconclusos numa família. Neste particular, cada constelação é nova e única para o terapeuta. A cada vez, ele é de novo desafiado a não se deixar levar por regras rígidas, mas pelo amor, pela força e verdade do próprio sistema. Caso o terapeuta perca contato com o fluxo da representação, isto não será tão desastroso, desde que recupere a tempo o contato. Caminhos errados são rapidamente reconhecidos e geralmente corrigidos quando o terapeuta confia no processo da constelação, nas reações dos representantes e nos próprios sentimentos. Se o processo estanca, geralmente são necessárias novas informações e a introdução de pessoas importantes no sistema.

Em seguida apresento algumas perguntas importantes, que podem dirigir o processo de descoberta da dinâmica familiar (já foram apresentadas, de modo semelhante, no capítulo sobre o processo de informação).

Elas apontam para uma variedade de processos na alma, que aqui apenas pode ser esboçada.

- Que indicações para o processo na alma do grupo se depreendem imediatamente da imagem que foi colocada -- por exemplo, de um olhar para o chão ou do tremor no corpo de algum representante--? *A primeira imagem colocada é a base de tudo o mais e a conexão com ela não deve ser perdida na continuação do processo. Se essa primeira imagem não dá sustento, é necessário interromper a constelação.*
- Que indicações fornecem as palavras dos representantes, por exemplo: "Não sinto nenhuma relação com meus filhos"?
- Quem está faltando no sistema e deve ser nele incluído?
- Quem se sente atraído para sair do sistema, e para onde? Essa atração resulta do destino pessoal, da vontade de seguir ou substituir outra pessoa, do desejo de expiar por ela?
- Quem procura impedir que outra pessoa vá embora?
- Quem atua no sistema para separar ou unir outras pessoas, por exemplo, os próprios pais?
- Quem não consegue assumir o lugar que lhe compete? Quem assume um lugar por presunção?
- Quem está preso à lembrança de um acontecimento funesto, -- por exemplo, a descoberta do corpo do pai que se suicidara -- e de que precisa essa pessoa para libertar-se disso?
- Quem não foi reconciliado, -- por exemplo, uma antiga noiva do pai --, e de que necessita para que se reconcilie?
- Por quem não se chorou? Que processos de despedida precisam ser retomados (de ambos os lados) entre vivos ou entre vivos e mortos?
- Que mudanças e alterações no sistema possibilitam que o amor flua, que uma situação seja concluída, que algo se cure, seja colocado em ordem ou fique em paz?
- O que não foi olhado ou nomeado e precisa sê-lo?
- Quem não foi respeitado, que destino não foi honrado?
- Como podem os homens ser homens, as mulheres ser mulheres, os pais ser pais e os filhos ser filhos?

Os meios para obter processos de mudança na constelação são os seguintes:

- permitir que sejam executados os impulsos de se movimentar;
- virar as pessoas na direção das outras ou na direção contrária;
- incluir ou afastar pessoas (às vezes, também para fora do recinto);
- colocar pessoas frente a frente ou lado a lado;
- ordenar pessoas de acordo com a hierarquia dentro de um sistema ou a precedência do novo sistema, quando houver vários;
- colocar pessoas deitadas (em acidentes fatais de grande importância no destino) e fazer com que outras se deitem ao seu lado;
- abraçar-se;
- fazer uma inclinação ou reverência;
- olhar pessoas nos olhos;
- dizer frases que trazem à luz e nomeiam algo oculto e que atuam de forma liberadora e curativa.

Depois de fazer ou deixar fazer tais alterações na posição e na postura dos representantes, o terapeuta, após um adequado tempo de sensibilização, verifica, com novas perguntas aos envolvidos, o efeito dessas alterações. Assim se desenvolve, passo a passo, um processo que revela, no decorrer da constelação, os eventos anímicos que enredam e que liberam, e possibilita a sua compreensão.

No processo de descoberta e de solução é preciso observar algumas coisas:

O terapeuta não pode seguir todas as dinâmicas do sistema. Precisa limitar-se ao que na representação se revela como essencial e que é mais eficaz em relação ao desejo manifestado pelo cliente. Assim, o terapeuta se concentra na procura da solução sistêmica que é especialmente importante para o cliente, renunciando a encontrar uma boa solução para todos os envolvidos no sistema, por exemplo, para todos os irmãos. Algumas coisas que são apenas aludidas na constelação e não podem ser tratadas nela, a própria alma as revela por si mesma no correr do tempo. E algumas vezes uma segunda constelação precisa abordar outros aspectos da dinâmica familiar.

o terapeuta só deve seguir uma pista no processo da constelação se nisso tiver o suporte dos representantes. Embora conduza os representantes e também o cliente, o terapeuta não pode trabalhar contrariando os sentimentos e a energia deles. A constelação não tem a função' de convencer alguém de uma idéia, mas precisa falar e convencer por si mesma. Às vezes é importante acompanhar "imagens" que espontaneamente emergem no terapeuta, nos representantes ou na pessoa que está colocando sua família. Muitas vezes elas revelam o essencial. Mas é preciso verificá-las e eventualmente rejeitá-las ou corrigi-las.

Quando se manifesta que alguns membros da família, pela forma como foram posicionados, encobrem uma dinâmica importante -- por exemplo, a dinâmica entre os pais--, é útil fazer inicialmente uma ordenação parcial do sistema, tirando os filhos que estejam entre os pais e colocando-os na fila dos irmãos, para que se possa ver mais claramente e trabalhar o que existe entre os pais. Quando foram colocadas mais pessoas na constelação do que se verifica ser necessário, pode-se pedir a algum representante que se sente. Isto diz respeito, sobretudo, a parceiros anteriores no sistema atual ou no sistema de origem, quando se revela que não são muito significativos.

De modo geral, é melhor aprofundar com menos pessoas do que perseguir o maior número possível de assuntos numa família. A tentativa de apreender completamente os processos da alma tira força e eficiência das constelações e das soluções. Um perigo igualmente importante é a tentativa de enquadrar as constelações e seus processos em esquemas lógicos e explicações de causa e efeito. O objetivo é esclarecer, não explicar. Bert Hellinger menciona com frequência as palavras de Werner Heisenberg que, interrogado sobre qual seria o contrário da clareza, respondeu: "A exatidão".

Uma constelação precisa ser clara, mas não exata. Ela não reproduz a verdade, mas no processo de sua colocação acontece algo da verdade de uma família. Um cliente pode geralmente sem esforço tomar em sua alma uma clara imagem da constelação e ajustá-la à sua realidade familiar interna e externa, da forma como for correto e útil, mesmo que essa imagem, à semelhança de uma boa pintura, não reproduza simplesmente a realidade mas, em sua forma específica, aponte para algo real, justamente por não ser a própria realidade. Tal imagem não afirma: "é assim", mas simplesmente: "é isto". Trata-se de um contexto de efeito benéfico, mais do que da análise de uma realidade explicável por suas causas. Como método sistêmico, o trabalho da constelação ganha sua realidade a partir de uma totalidade maior que não podemos desvendar completamente, mas da qual somente podemos participar.

9. A ordenação do sistema

Na maioria das vezes, o processo de uma constelação conduz a uma nova ordenação do sistema: a uma nova ordenação mais externa, através da imagem da solução, que indica a cada um o lugar certo e liberador no sistema; e a uma nova ordenação mais interna, que resulta das frases e também dos gestos trocados entre as pessoas.

Ordenar uma constelação no sentido de se obter uma imagem da solução obedece a determinadas regras que em muitas constelações se comprovaram como solucionadoras. Vou citar algumas regras gerais, que certamente permitem muitas variações de posicionamento.

- Os filhos ficam de frente para os pais. Na maioria das vezes, a melhor solução reside na separação clara entre os níveis dos pais e dos filhos, que então podem ver-se.
- Os filhos são ordenados entre si de acordo com a hierarquia de origem, isto é, primeiro o mais velho, em seguida o segundo, e assim por diante.
- A hierarquia de origem se mostra na imagem da solução, no sentido horário.
- Entre os pais, ocupa o primeiro lugar (a direita) o que tem maior responsabilidade quanto à segurança da família ou que, por sua família de origem, tem um peso especial no que toca ao destino ou aos bens, ou ainda que já possui filhos de um relacionamento anterior.
- Às vezes, os filhos necessitam da segurança de um dos pais, por exemplo, quando o outro está em risco de suicídio. Nesse caso os filhos ficam imediatamente ao lado do progenitor que lhes proporciona segurança.
- Na separação dos pais, o lugar dos filhos é frequentemente entre ambos. Entre os pais, o primeiro lugar cabe àquele que permaneceu em casa.

- Às vezes, os pais precisam ser fortalecidos por seus antepassados, sobretudo quando estes morreram prematuramente. Pode-se então colocar, por trás dos pais, os avós e às vezes também outros antepassados.
- Por vezes, uma fila de pais ou irmãos, ou outros parentes já falecidos, junto a um ou a ambos os pais, tem um sentido liberador, sobretudo quando uma corrente de amor interrompida quer voltar a fluir e pessoas que antes não foram consideradas ainda precisam manter, por algum tempo, um lugar junto aos vivos.
- Quando existem ligações estáveis anteriores dos pais de que não resultaram filhos, o pai se interpõe entre a mãe e o parceiro anterior dela, e a mãe se interpõe entre o pai e a parceira anterior dele, a não ser que o amor anterior ainda atue tão fortemente que impeça essa solução. Essa interposição não é possível se existem filhos da relação anterior. Por exemplo, um homem separou-se da primeira mulher, com quem tem três filhos, casou-se de novo e tem um filho com a segunda mulher. Então a ordem é a seguinte: primeiro vem a primeira mulher, depois os filhos do primeiro casamento, a seguir o pai, então sua segunda mulher e finalmente o filho do segundo casamento. Nesse caso, deve-se notar que a primeira mulher, embora anterior no sistema, ocupa posição secundária com respeito à segunda mulher. Já os filhos do primeiro casamento têm (para o pai) posição anterior e precedência sobre o filho do segundo.
- Às vezes, em razão de uma culpa grave, como um assassinato, é preciso que alguém abandone um sistema familiar ou que se satisfaça sua tendência de abandonar a família. Isto se mostra na constelação, na medida em que essa pessoa é afastada ou levada para fora do recinto, de forma a aliviar o sistema. Outras pessoas que sintam vontade de ir embora devem ser viradas para fora. Com frequência, porém, elas devem ser novamente viradas para dentro na imagem da solução, de forma a poderem participar melhor, mesmo que sintam impulso de ir embora. Isto é mais fácil de se fazer quando ficou claro quem é que elas querem seguir e, após um processo de solução, ambos podem ser virados de novo para dentro do sistema.
- Crianças abortadas, de forma espontânea ou voluntária, geralmente não são colocadas na fila dos irmãos.

Um saber claro sobre a ordem liberadora na imagem da solução facilita muito o terapeuta. Os representantes não podem encontrar por si mesmos a ordem que libera porque, como já foi mencionado, eles estão no sistema. Quando, porém, ficam na nova ordem, percebem muito bem se ela é boa ou não. Se não se sentem bem é preciso geralmente "melhorar" alguma coisa no processo e na imagem da solução.

Para a ordenação existe ainda uma regra geral, além dos critérios anteriormente mencionados: quanto mais simples forem as alterações e quanto mais conectadas à primeira imagem do sistema, tanto melhor. Modificações excessivas confundem, produzindo inquietação e falta de clareza. A ordem na imagem da solução não precisa ser sempre exata -- exceto quanto à ordem sequencial dos irmãos --, se a exatidão representar um peso para a dinâmica da solução. Assim, nem toda constelação precisa ser completamente ordenada, e nem sempre é importante qual dos pais fica à direita ou à esquerda. Entretanto, de modo geral, é justamente a imagem da solução que guarda na

memória uma força liberadora de largo alcance. Assim, vale a pena cuidar que ela seja ordenada de uma forma certa e liberadora. As imagens da solução despertam uma sensação de estarem bem formadas e uma certa harmonia que ajuda. E eventualmente revestem uma certa beleza interior e exterior e irradiam para todos algo de prazer e de alegria.

10. A introdução do cliente na constelação

A pessoa que coloca a família é geralmente introduzida na constelação quando já se visualiza para onde caminha a solução e quando o processo decisivo precisa ser percorrido com a presença da própria pessoa. Assim, quando o sistema já está mais ou menos ordenado e a dinâmica mais profunda foi esclarecida, a pessoa interessada é colocada diante do pai, da mãe ou de outras pessoas, para fazer ou dizer algo que a desprende de um destino alheio e faz com que ela tome e deixe fluir o amor, com os olhos abertos.

Neste particular, muitas variantes são aceitáveis.

Às vezes, o terapeuta trabalha só com os representantes até o final. Isto é aconselhável quando a própria pessoa ainda não consegue defrontar-se com processos difíceis de suportar em sua família, quando duvida, resiste ou simplesmente precisa de mais tempo e distância para assumir plenamente o que se revela. Entretanto, o terapeuta precisa sentir que a pessoa foi tocada pelo que acontece na representação.

Quando os representantes estão muito emocionados e foram tomados a serviço de assuntos funestos, muitas vezes é bom percorrer com eles os passos da solução. Pois a pessoa interessada também está acompanhando de fora com seu sentimento e é mais fácil para o representante sair do seu papel quando pôde vivenciar não apenas o peso, mas também o alívio. Já o cliente pode assumir o peso com mais facilidade, porque é algo que lhe pertence, o que não sucede com seu representante. E o cliente terá tempo, em seu dia a dia, para o processo liberador e para seu aprofundamento, enquanto o representante será retirado do processo ainda no decurso da constelação. Além disso, os representantes que participam da constelação de alguém recebem algo de bom para si quando são tocados em algo que também os afeta. Esta é, entre outros, a grande vantagem do trabalho da constelação num grupo: através da representação de destinos estranhos, também se recebe muito para si mesmo.

Existem constelações onde o representante da pessoa interessada está pouco tocado, embora o próprio terapeuta o esteja. Nesse caso pode-se introduzir o próprio cliente, logo que seja possível. Com frequência aparece então, com muito mais clareza, a profundidade do que acontece. Se, porém, a troca do representante pela pessoa interessada iria prejudicar ou mesmo suprimir a emoção é melhor continuar trabalhando com o representante. Deve-se evitar fazer um processo com o representante e depois repeti-lo com o interessado, pois com isto a força e a tensão se dissipam. Caso seja preciso fazer um movimento amoroso em direção ao pai ou à mãe, o próprio interessado deve ser tomado para o processo; porém se este acontece espontaneamente com o representante, o terapeuta deixa que ele fique, por algum tempo, nos braços da mãe ou do pai, e então geralmente precisa repetir o processo com o interessado.

A pessoa que coloca sua família não é introduzida desde o início na constelação porque ela própria não percebe a dinâmica oculta em sua família -- caso contrário, não necessitaria desse processo. Por esta razão, ela só entra em cena quando a dinâmica da família foi esclarecida. Isto vale sobretudo quando a pessoa está enredada. Existem casos de movimento interrompido em que as experiências dolorosas sepultaram a confiança da criança em ser acolhida pelos pais ou em que o filho se recusa a fazer tal movimento, rejeitando os pais com arrogância. Nesses casos, pode ser conveniente colocar representantes apenas para a mãe ou o pai, e trabalhar desde o início com a própria pessoa interessada. No movimento livre fica então muito clara a dinâmica do relacionamento e a pessoa interessada chega freqüentemente a uma boa solução ou ao processo curativo, por si mesma ou com pequena ajuda do terapeuta.

11. A imagem da solução

A imagem da solução acontece quando, depois de tudo o que ainda precisou ser dito e executado (por exemplo, uma reverência), todos os representantes e a pessoa interessada se sentem bem em seus lugares. Muitas vezes, uma respiração profunda e um visível alívio percorrem toda a família colocada. As fisionomias estão claras e abertas e, às vezes, realmente irradiantes.

A imagem da solução, quando é vivenciada como verdadeira e liberadora tem para a pessoa envolvida uma grande força, que estrutura sua vida. Se, numa situação de estresse, o efeito de uma constelação corre o risco de perder-se, a lembrança ativa ou inconsciente da imagem da constelação conduz a alma, como um guia, através das dificuldades. O terapeuta pode chamar a atenção para esse ponto quando alguém se pergunta ansioso se a solução vai se manter. Mas se alguém pergunta: "o que faço agora com essa imagem da solução?", isto revela que a constelação (ainda) não moveu coisa alguma na alma, seja porque essa imagem não pode ser assumida, seja porque não tocou em profundidade a alma do grupo familiar.

Alguns participantes pedem a outros que anotem a constelação e também escrevam as frases, porque temem que o importante se perca. Entretanto, esse direcionamento interior para "possuir" a imagem de uma constelação fecha a alma. Quando uma constelação toca a alma ela também faz efeito, justamente porque a pessoa se entrega ao que vivencia, sem uma preocupação dispersiva sobre seu efeito no futuro.

O terapeuta percebe com clareza se a constelação tem um efeito visível na pessoa envolvida, e em certas circunstâncias a interroga a respeito. Um bom indício do efeito de uma constelação é o sentimento de soltura em todo o grupo, quando este deixa que atue sobre si a imagem da solução. Existem porém também imagens de solução que, apesar de serem certas, ainda ficam como que pairando no espaço. Repetidas vezes recebi, longo tempo depois de uma constelação, cartas de pessoas em que adequadamente me comunicam: "Agora entendi".

Por benéfica que seja para todos uma boa imagem de solução, nem sempre e aconselhável uma constelação seja "bem" resolvida. Justamente nos casos onde existe dificuldade de assumir a dinâmica que se manifesta, a força da constelação aumenta se o terapeuta a interrompe no auge dos acontecimentos e a deixa ficar sem solução. Muitas vezes, isto estimula mais as forças saudáveis na alma do que uma imagem da solução.

Porém este recurso só é aconselhável quando o terapeuta tem clareza e está em sintonia com o que acontece na constelação.

Uma imagem de solução, assim como a própria constelação, não precisa ser completa. Portanto, não precisam estar presentes todas as pessoas que pertencem ao sistema. Entretanto, quando a pessoa que coloca já foi incluída na imagem da solução, é possível que ela diga:, "Estou sentindo falta de meu irmão". Nesse caso, pode-se colocar ainda o irmão. O terapeuta também pode completar a imagem introduzindo pessoas que, embora não sejam imediatamente importantes para a dinâmica, pertencem à imagem da solução e a tomam mais "redonda" e poderosa.

Acontece, repetidas vezes, que a imagem da solução colocada pelo terapeuta não é aceita pelos representantes ou mesmo pela pessoa interessada. Neste caso, freqüentemente falta ainda alguma informação, alguma pessoa ou algum acontecimento importante, que até então não foi considerado no processo da solução. Se aparecem indícios nesse sentido, é preciso completar o trabalho. Se, porém, a energia da constelação já se dissipou, geralmente é preciso interromper. São situações que muitas vezes pesam em todos os envolvidos. O terapeuta precisa suportar isso e permanecer interiormente conectado com a solução, mesmo que ela não tenha se manifestado.

Pode acontecer, ainda, que os representantes sugiram uma imagem que é bem recebida, mas que, de uma forma ou de outra, contraria as ordens do amor. Nesse caso, o terapeuta não deve deixar-se seduzir pelos representantes ou pela pessoa envolvida. Por exemplo, numa constelação todas as pessoas se sentiram bem quando a primeira mulher do pai e a filha comum de ambos foram voltadas para fora e se afastaram alguns passos. Porém o terapeuta não confiou nisso. Levou o pai outra vez à presença de sua primeira mulher e fez com que ele lhe dissesse algo que a tocou muito. Então o terapeuta pôde trazer a mulher para perto da segunda família do pai e sua presença e proximidade foi aceita pelos representantes.

Com isso eu gostaria de apontar para algo importante. Uma imagem de solução, como também todo o processo da constelação, recebe geralmente sua adequação, antes de tudo, daquilo que precisa ser dito, portanto das palavras reveladoras e das frases liberadoras. A imagem proporciona clareza, as frases proporcionam direção e força. Sem as palavras que precisam ser ditas, uma imagem pode bem aliviar e ser "bonita", mas talvez permaneça superficial. O que atua na alma realmente atua através de imagens, mas não consiste em imagens. O essencial é antes invisível. A ressonância com a alma pode de fato instalar-se por meio da imagem, mas freqüentemente só vibra com as palavras que atingem e liberam. É sempre surpreendente verificar como imagens de constelação muito semelhantes abrem na alma processos totalmente distintos, e como processos de solução totalmente distintos conduzem a imagens de solução semelhantes.

12. As frases liberadoras

O terapeuta pode indicar as frases da solução ou deixar que sejam encontradas pelos representantes; O essencial é que elas resultem do processo da constelação e sejam adequadas. Elas surgem da compreensão dos processos profundos da alma numa família. Com freqüência elas ocorrem simplesmente ao terapeuta ou aos representantes quando eles se abrem aos acontecimentos familiares e quando a alma do grupo está

preparada para uma solução. Elas dão expressão ao vínculo e à solução, tocam e comovem a alma.

Nas constelações utilizamos duas espécies de frases de solução: as que descobrem um vínculo de destino e as que desatam um vínculo de destino. As frases descobridoras têm um efeito liberador, porque nelas vem à luz numa vivência de espanto, muitas vezes muito tocante, o vínculo de destino que até agora determinou a vida, e porque elas exprimem a concordância com o amor que causou a vinculação ao destino. Tais frases são, por exemplo: "Mãe, por você vou encontrar sua irmã na morte, e então você pode ficar com papai", ou: "Querido vovô, você perdeu tudo; eu também não conservo nada, então fico perto de você".

As frases que liberam proporcionam ao amor a conversão para o domínio aberto da vida. Elas honram o destino das pessoas conectadas, contemplam seu amor e deixam o destino com aqueles que o devem carregar -- e geralmente já o carregaram. Assim, uma filha poderia dizer à noiva abandonada por seu pai: "Vejo sua dor, mas não posso tirá-la de você; tenho que deixar sua dor e sua raiva com você e com papai. Seja bondosa comigo se eu deixo você, fico com minha mãe e conservo meu namorado".

As frases liberadoras só funcionam em confronto com a pessoa a quem alguém está vinculado. Esse olhar de pessoa a pessoa precisa de um certo tempo, até que a relação e a ligação sejam percebidas. A solução acontece "cara a cara". Portanto, as frases da solução não devem ser ditas cedo demais. E é preciso ficar atento para que as pessoas envolvidas realmente entrem em ligação recíproca. Só então as frases se comunicam, como que espontaneamente, e podem desenvolver todo o seu efeito.

Nesse processo, o terapeuta fica atento a que a pessoa envolvida, enquanto diz as frases liberadoras, mantenha o contato do olhar com a pessoa com a qual está envolvida pelo destino, pois com frequência ela procura desviar o olhar e com isso conservar os sentimentos que mantêm o enredamento. O terapeuta faz então, cuidadosamente, com que ela recupere o contato do olhar, de forma que os sentimentos que liberam encontrem sua expressão. Da mesma forma, o terapeuta fica atento, na repetição das frases da solução, à adequação da voz e à sua força liberadora, de modo que também a pessoa a quem se dirige e todo o grupo se convençam do passo liberador.

Nem sempre as frases de solução ocorrem logo aos representantes, ao terapeuta e mesmo à pessoa envolvida. O terapeuta talvez se sinta então um pouco desorientado. Nesse caso, é bom que ele mantenha a situação num curto silêncio. Ele também pode recorrer às frases padronizadas que lhe são conhecidas, de Bert Hellinger ou de outros terapeutas. Elas conservam uma grande função orientadora, mesmo que sejam frequentemente repetidas.

É essencial que a pessoa envolvida possa pegar as frases e vivenciá-las de maneira adequada e liberadora. Às vezes o terapeuta precisará igualmente experimentar frases, até encontrar aquelas que trazem solução. Isto também não traz problema, na medida em que a busca das frases permanecer no contexto da alma e em contato com ela.

O terapeuta deve verificar com cuidado se a pessoa simplesmente repete as frases ou se estas são também acertadas para ela e a tocam. Se não alcançam o que é adequado, é preciso procurar outras frases. Se o terapeuta sente que as frases são acertadas, mas não

tocam, ele precisará talvez lançar mão de mais alguma coisa na dinâmica do sistema. Por exemplo, ele induz a um diálogo os representantes da mãe e do pai e, depois, coloca a pessoa envolvida outra vez em relação e faz com que ela repita, na nova base, as frases da solução. Quando uma confrontação não liberta do emaranhamento, freqüentemente há outras pessoas no sistema que precisam primeiro liberar algo entre si. Portanto, durante as frases de solução não se deve olhar apenas a pessoa envolvida, mas manter presente todo o sistema.

As frases liberadoras tocam o cerne do trabalho com constelações. Elas fazem vibrar as "imagens da alma". Tais frases não se vinculam necessariamente às imagens da constelação, se bem que uma linguagem tocante tem sempre a capacidade de "ver". Experimentamos isto quando, independentemente de constelações, e até mesmo numa conversa no telefone, a alma toca através das palavras. E fica claro, no mais tardar até que as soluções da alma advenham pela mediação das palavras, que a psicoterapia está longe de ser uma técnica de transmissão de informações, e que o elemento fundamental da psicologia consiste "no dizer, como forma de mostrar e fazer comparecer o presente e o ausente, a realidade em seu sentido mais amplo"². Na psicoterapia, através de uma linguagem que preserva e guarda o que pertence à alma, o mundo é dito de novo em sua qualidade anímica e o ainda-não-visto é trazido à luz³.

13. Rituais nas constelações familiares

Nas constelações familiares, os rituais desempenham um importante papel. O ritual, como um procedimento repetido da mesma forma, associa-se às dimensões mais profundas da realidade. Nele são experimentadas forças anímicas que não podem, sem perder seu sentido, ser transmitidas pela simples linguagem. Vou abordar aqui brevemente apenas três rituais: a reverência, o deitar-se ao lado dos mortos e a fileira dos antepassados.

A inclinação e a reverência

Na reverência, a pessoa que coloca sua família inclina-se diante de seus pais. Ela se inclina diante do destino que atua em sua família e das pessoas que carregam esse destino. A reverência é entendida de modo mais amplo do que a inclinação profunda.

Na inclinação profunda, muitas vezes até o chão, uma pessoa deixa cair a presunção, sobretudo em face do pai ou da mãe. Tal gesto é indicado quando alguém permanece na recusa de se mover em direção aos pais, fez-lhes graves acusações ou talvez mesmo cometeu atos contra eles. Mesmo quando alguém, por amor ou orgulho, se coloca acima dos pais e com isso os perdeu internamente e às vezes também externamente, a inclinação profunda libera. Esse gesto restabelece o desnível entre os pais e o filho e é muitas vezes a condição para que o amor volte a fluir. Não raramente, a inclinação profunda leva uma pessoa a lágrimas abundantes, nas quais a compulsão da presunção e talvez também a culpa podem se dissolver.

² Martin Heidegger, op. cito p. 25

³ Martin Heidegger, op. cito p. 27

o gesto de curvar-se não é indicado quando a pessoa envolvida tem a sensação de ser humilhada pelos pais. Isto acontece, por exemplo, quando vem à tona a recordação de graves maus tratos infligidos pelos pais. Aqui é necessário um outro processo de liberação, e geralmente é preciso trabalhar primeiro com os pais na constelação.

Uma inclinação profunda, feita com o devido sentimento, sempre libera, mesmo que nem sempre seja aceita pela outra pessoa. Às vezes é muito tarde para tal gesto, e então a pessoa precisa carregar diante dos pais a culpa e suas conseqüências. Se é grande a resistência contra a inclinação, pode-se pedir ao representante que a faça em lugar da pessoa envolvida. Isto muitas vezes produz um efeito ainda maior. O representante pode entregar-se mais facilmente ao que acontece. Nele, e no efeito sobre ele, costuma ser mais fácil perceber se é autêntico o gesto de curvar-se, e normalmente a pessoa envolvida participa plenamente, de fora. A inclinação profunda feita pelo representante talvez suporte mais, porque nela não existe o medo inibidor diante do despojamento e porque também a resistência é respeitada. Esse curvar-se envolve também um segundo movimento, igualmente importante, que é o erguer-se. Através dele volta à força e a coragem para um relacionamento adequado e para o movimento amoroso.

A reverência é um gesto abrangente de respeito e homenagem e de soltar-se. Por ela são honradas pessoas que nos precederam, juntamente com seus destinos. Através dela aceitamos os efeitos que o destino de outros trouxe à nossa própria vida e nos desprendemos desse destino. Pela inclinação algo pode "declinar", isto é, caminhar para seu fim, de forma a poder passar depois de algum tempo, mesmo quanto a seu efeito.

Deitar-se ao lado dos mortos

Se alguém morreu no sistema e queremos perceber o efeito de sua morte sobre a família, podemos virar para fora o representante da pessoa morta e afastá-lo da família alguns passos. Podemos também fazer com que alguém se retire do recinto. Se alguém teve uma morte trágica ou se sua morte não foi devidamente considerada e honrada, pode-se fazer com que seu representante se deite no chão, geralmente de costas. Isto provoca geralmente reações muito fortes na constelação, pois o ato de morrer e a morte são sentidos com todo o seu efeito. Talvez alguém queira deitar-se ao lado da pessoa morta, ou esta queira ser abraçada mais uma vez, ou uma mãe ao morrer queira tomar, mais uma vez, seu filho nos braços, ou os vivos se curvam. Frequentemente não houve uma despedida entre vivos e mortos, que então pode ser resgatada.

Quando se pede a uma pessoa que se deite ao lado de um morto, pode-se notar a atração que a morte exerce e a necessidade freqüente que sentem os vivos de estar entre os mortos. Com efeito, observa-se, muitas vezes, que os vivos querem trazer os mortos de volta à vida. Quando se deitam ao lado deles, percebem logo que isso não é possível e que os mortos também não o desejam. Para outras pessoas, deitar-se ao lado dos mortos faz o efeito de uma redenção e pode-se perceber então algo do poder que possui a vontade de morrer. Se um vivo permanece por algum tempo deitado ao lado de um morto, a intimidade na ligação vem à tona. Porém muitas vezes os mortos também, ficam inquietos, querem voltar as costas e ser deixados em paz. A pessoa que vive sente então que sua presença junto aos mortos não é desejada e pode mais facilmente encarar a vida.

Uma mulher tinha passado por graves depressões e algumas tentativas de suicídio. Como quadro de fundo, revelou-se que sentia uma profunda ligação com as vítimas de seu querido avô, que no regime nazista tinha denunciado muitas pessoas e as levado a um campo de concentração. Quando as vítimas e o avô se deitaram no solo, a mulher quis imediatamente deitar-se ao lado das vítimas. Olhou-as com lágrimas nos olhos e sentiu um profundo peso. O terapeuta trabalhou primeiro com o avô e suas vítimas e o resultado foi. que estas se afastaram da mulher. De repente, ela se sentiu muito só. Depois de algum tempo, seus olhos procuraram os olhos de seu marido e de seus filhos e ela disse: "Agora gostaria de ficar de novo com os vivos".

Um movimento como este geralmente só é possível depois que alguém se deitou por algum tempo junto aos mortos. Como ritual, o deitar-se com os mortos transcende esse processo. Nele se experimenta que a vida e a morte fazem parte de uma só realidade. Para além da vontade da vida em afirmar-se, da esperança e do consolo, experimenta-se o efeito liberador que resulta da concordância e da sintonia com o abismo da realidade. Podemos experimentar que a vida é algo que emerge, por um momento, de algo obscuro e que se completa e consuma quando volta a cair nesse obscuro. A vida e a morte, o sucesso e o horror, como tudo o que existe, são acolhidos na grande realidade única.

A fileira dos antepassados

Às vezes, mesmo depois que uma constelação foi resolvida, alguém dá a impressão de estar ainda sem força em seu lugar. Pode-se então colocar essa pessoa com as costas apoiadas em seus pais. Desta forma, ela pode perceber e receber em si a força deles, sentindo seu suporte e apoio. Se a força dos pais não for bastante, podem-se colocar atrás deles outros antepassados, até que flua a corrente de força.

Quando os pais se separaram ou é preciso assumir que estão separados, o terapeuta os coloca juntos nesse ritual e depois os separa de novo. Pois, pelo menos no momento de gerar, os pais estiveram assim juntos para a criança. A força masculina pode ser especialmente sentida numa fileira de homens e a força feminina numa fileira de mulheres.

Na fileira dos antepassados, a pessoa não ganha apenas o sentimento de que é sustentada e apoiada pelos pais, pelo grupo familiar e pela grande alma, mas também o saber e a força de perceber que ela própria é agora uma pessoa adulta. Justamente quando foram trabalhadas as vivências traumáticas da criança e as necessidades infantis, entra em ação desta forma, além do movimento amoroso, aquilo que dá apoio e sustento à pessoa. Ao mesmo tempo, abre-se nesse ritual, para muitas pessoas, o olhar para frente. Nossa vida não é apenas carregada pela "fonte", mas também pelo "desnível" que nos puxa para frente.

14. A constelação condensada

Nos últimos anos, Bert Hellinger vem trabalhando, com frequência cada vez maior, com constelações condensadas. Nessa forma breve - ou melhor, intensiva - de representação, não colocamos e mantemos diante dos olhos um sistema familiar, mas a pessoa interessada, em seu relacionamento individual com a mãe, o pai, um parceiro, um filho, uma doença ou a morte. O que aqui está no centro da atenção não são tanto o

emaranhamento ou a vinculação ao destino que abrange toda a família, quanto às forças que atuam sobre a alma de alguém com respeito a certos relacionamentos ou a temas como culpa pessoal, ressentimento e morte.

O terapeuta pede ao cliente que escolha e posicione em relação recíproca representantes para as poucas pessoas que importam ou para as forças que atuam. A seguir, confia os representantes à dinâmica que os move na representação, sem interferir no processo. Os representantes expressam com o corpo e sem palavras aquilo que move sua alma.

O terapeuta geralmente não interfere. Desta forma coloca-se muitas vezes em movimento um processo muito impressionante, que mostra tanto o problema e a necessidade quanto a solução. A pessoa envolvida presencia geralmente de fora e se entrega ao que ela vê, que se comunica a ela e a toca.

Esse tipo de representação é especialmente recomendado quando uma constelação familiar poderia desviar de algo que está imediatamente desafiando a alma. Quando alguém está gravemente doente, pesquisar um emaranhamento não ajuda muito ou, em todo caso, só ajudará depois que essa pessoa se defrontou com sua doença.

Um homem que sofria de câncer queria saber em que contexto familiar poderia entender sua doença. Entretanto, o terapeuta lhe pediu que colocasse apenas a si mesmo, sua doença e sua morte. No decurso da constelação, o representante escolhido evitava a doença e a morte e não queria encará-las. A morte dava uma impressão de desamparo e a doença se postava de braços abertos. Quando o representante, depois de algum tempo, se voltou para a doença -- representada por uma mulher mais velha -- e caminhou ao seu encontro, aconteceu um abraço temo entre ambos. A morte se retirou um pouco, permaneceu ligada e deu a impressão de tranquilidade.

O terapeuta não interrogou o representante e também não comentou o trabalho realizado. O homem pareceu muito tocado e tranquilo. Apenas numa rodada seguinte ele se declarou decepcionado por não saber o que fazer com aquela representação. Mas quando o terapeuta lhe perguntou: "Que peso teria o saber que você busca, em confronto com aquilo que você viu?", vieram-lhe lágrimas de novo e ele concordou com a cabeça. Numa encenação como esta ninguém sabe exatamente o que acontece e o que atua. Contudo, algo de essencial surge diante dos olhos.

Às vezes, sobretudo quando se trata de um movimento interrompido, o terapeuta pode também fazer com que a pessoa envolvida se coloque pessoalmente na relação, dispensando o representante, e se exponha diretamente ao processo da encenação. Isto é indicado quando o que está em primeiro plano é menos o que o cliente "vê" e mais o que ele sente, por exemplo, a força liberadora do movimento para a mãe. Se a representação não progride, o terapeuta pode interferir com cuidado para que o cliente ou um representante ultrapasse algum limiar, deixando-os então entregues à continuação do processo até sua conclusão. Se o cliente ou os representantes, apesar de sensibilizados, não se colocam em movimento, o terapeuta pode também interrogá-los em busca de nova informação. Talvez seja ainda preciso introduzir outra pessoa ou força personificada, ou também se possa ampliar a representação até que se transforme numa constelação familiar. O terapeuta simplesmente se entrega ao que vê e sente, e progride com a força da alma.

Mais ainda do que a constelação familiar, a representação condensada escapa de qualquer rotina terapêutica e de qualquer "fazer" que pretenda ajudar. Embora transcorra de forma simples e singela, ela exige dos representantes uma entrega completa e do terapeuta - que aparentemente só deixa as coisas acontecerem - alto grau de atenção e concentração. Justamente quando se trata de doença, morte e culpa, os participantes se defrontam com as zonas limítrofes da vida e com a necessidade de uma profunda sintonia com a realidade.

15. Duração e término de uma constelação familiar

Duração

Uma constelação breve e concentrada é geralmente a mais eficiente. Podem-se gastar cinco a dez minutos numa representação condensada, ou vinte a trinta minutos numa constelação familiar. Porém já tive constelações que duraram quase uma hora, porque precisaram de todo esse tempo. Isso acontece, sobretudo quando, ao final de uma constelação, aparece uma informação importante que exige a continuação do processo, quando é preciso procurar solução também para outras pessoas da família, quando se deve aliviar representantes muito sobrecarregados. O mesmo acontece em confrontos entre perpetradores e vítimas, onde é preciso lutar intensamente por uma solução, e também quando um movimento interrompido precisa ser resgatado dentro da constelação.

É essencial que a energia e a atenção sejam mantidas durante toda a constelação. Se os representantes ficam cansados, o grupo inquieto e o cliente confuso, então geralmente a constelação já durou um tempo excessivo. O risco de prolongá-la demais existe principalmente quando o terapeuta se desvia numa interpretação, deixa os representantes excessivamente entregues à própria dinâmica ou pretende resolver de uma vez todos os problemas que surgem numa família. A força de uma constelação reside no seu mínimo.

Naturalmente existem constelações que estacam de repente ou cuja energia não se mantém sempre num nível elevado. Às vezes, o terapeuta precisa buscar e experimentar o que faz progredir e nessa tentativa nem sempre encontra o caminho certo. Ele tem o direito de se dar o tempo de que precisa para que a constelação possa chegar a um bom resultado. É melhor pagar o preço de uma baixa de energia durante a representação do que interrompê-la prematuramente e forçar uma solução não confiável. Enquanto o terapeuta estiver agindo em consonância com a alma da família que está sendo configurada, ele não poderá cometer muitos erros. Caso perca o contato com a alma da família, ou esta se esquive, ou a busca da solução se torne muito trabalhosa e cansativa, a constelação precisa ser interrompida.

A interrupção

A interrupção de uma constelação familiar é uma intervenção de poderoso efeito, que deve absolutamente resultar do que acontece na própria representação. Com frequência a interrupção alivia o cliente, porque ele mesmo percebe que ela não progride ou que entrou em pista errada. Talvez ele tenha mais tarde nova oportunidade de colocar sua

família quando isto se torne possível em virtude de uma nova informação, de um novo direcionamento ou da melhora de sua conexão interna com a família.

Às vezes, porém, o cliente foi muito mobilizado e reage até com ressentimento contra a interrupção. O terapeuta deve mantê-la e não debitá-la a si mesmo, a não ser que a tenha interrompido por estar fora de sintonia com o que estava acontecendo. Frequentemente uma interrupção incentiva a alma do cliente a buscar informações importantes ou o confronto com a própria impotência em querer algo sem condições. Ou ainda, a interrupção pode mostrar que se buscou a solução no lugar errado, por exemplo, no sistema de origem, embora a força da solução aponte para o sistema atual. Sejam quais forem as razões para uma interrupção, ela precisa estar sempre a serviço da alma de quem buscou conselho e não deve ser dirigida contra ele.

A maioria das interrupções resulta da falta de informações importantes. A responsabilidade pelo fato deve pertencer ao cliente ou à sua família. Frequentemente, porém, as interrupções são necessárias quando a pessoa se depara com uma fronteira difícil que ela não quer ou não pode ultrapassar. O terapeuta renuncia então ao processo que resolveria a constelação, para que essa fronteira seja plenamente encarada. Muitos clientes, que inicialmente ficam chocados, mostram-se depois muito agradecidos. Pode acontecer, por exemplo, que alguém seja deixado junto de pessoas mortas de quem não queira desprender-se. Há pouco tempo, recebi uma carta de uma mulher gravemente enferma. Eu a tinha confrontado com a morte numa representação e deixei a morte junto dela, sem ceder a seu pedido de uma solução melhor. Agora, passados três anos, ela me escreveu: "Agradeço. A morte continua a meu lado e estou viva".

O término

O melhor momento para terminar uma constelação familiar é quando aparece a solução e chegam ao auge a força e a energia. A pessoa envolvida pode então abandonar a constelação "carregada de solução". O fim da constelação é realmente um começo, que produz algo que leva adiante na vida e que é alimentado por uma nova força da alma.

Isto não significa, porém, que só se deva encerrar uma constelação no seu auge. Muitas vezes é preciso que se faça um pequeno acréscimo ou um fecho harmonioso. E embora o auge da constelação tenha sido alcançado com uma emocionante reverência a um dos pais, o processo precisa ser arredondado com o encontro com o outro progenitor, com o alinhamento dos irmãos ou com alguma frase de solução que seja dita a outras pessoas da família que passaram a ser importantes. Para muitas pessoas, é muito liberador experimentar como, ao sair de um emaranhamento, o olhar fica livre para outros membros da família e a pessoa sente o impulso de ir até elas para dizer-lhes algo ou abraçá-las. Sobretudo em constelações muito liberadoras, nas quais também os representantes, que costumam ficar à margem do processo da solução, estiveram muito presentes, existe uma necessidade de terminar a constelação como uma festa e expressar solidariedade e alegria na despedida.

Se, entretanto, alguns representantes já querem voltar aos seus lugares enquanto outros começam a conversar durante o processo, seguramente não se chegou a um final concentrado e a constelação se desmancha. Por outro lado, se os representantes a abandonam contra a vontade e sentem o impulso de prolongá-la posteriormente com suas reações, ela provavelmente foi encerrada antes da hora. O encontro do final correto

talvez seja a maior arte. O final tem o melhor êxito quando permanece ligado ao início da constelação, à intenção que o cliente expressou e à força que sustentou o processo.

O término de uma constelação exige também que, concluído o trabalho, o terapeuta e o grupo deixem em paz a pessoa envolvida e sua alma. Muitas vezes, na melhor das intenções, os representantes ainda querem acrescentar alguma coisa ou ocorre algo ao terapeuta que ele ainda queira comunicar, e talvez o próprio cliente ainda não esteja satisfeito. Ceder a tais impulsos prejudica a alma e compromete o efeito da constelação. Caso haja um complemento importante do cliente, dos representantes ou do terapeuta, ele deve ser feito a serviço do cliente e do que foi conseguido durante o trabalho. O que é importante não se perde e encontra seu momento adequado.

Para que uma constelação possa ser eficaz, seu efeito precisa ficar visível no próprio decorrer do processo. A própria pessoa que colocou a família mostra algo desse efeito, o terapeuta se assegura dele na solução e também o grupo pode percebê-lo. Esse efeito permanece então confiado à alma. Em última instância, não sabemos o que realmente resolve. Já presenciei constelações muito satisfatórias que em longo prazo se revelaram pouco eficazes. E já presenciei constelações "más" que posteriormente se mostraram extremamente eficazes. O terapeuta só pode confiar naquilo que vê na constelação e então entregá-lo aonde pertence e onde seguirá seu próprio caminho. Não podemos assegurar o êxito de uma constelação, por mais experimentados e seguros que sejamos no trato com esse trabalho. O terapeuta colabora com pouca coisa para o seu sucesso. Mas esse pouco compensa a coragem, o exercício, a experiência e o esforço da compreensão crescente do terapeuta e o recompensa com um trabalho muito satisfatório.

16. Das ordens do amor aos movimentos da alma

Nos últimos tempos, existe nas constelações de Bert Hellinger uma evolução das "ordens do amor" para os "movimentos da alma". Tal evolução já se manifestou na "constelação condensada". Sobretudo em casos onde os destinos familiares estão envolvidos em contextos maiores e onde as soluções não podem mais provir da alma da família, mas apenas do espaço da "alma maior", por exemplo, em destinos de vítimas e agressores, especialmente em conexão com acontecimentos políticos e sociais, Bert Hellinger muitas vezes deixa que os representantes, freqüentemente colocados por ele mesmo, se movam livremente sem palavras, sem interferir em seu processo interno e externo. Então se desenvolve um drama sem palavras, com uma dinâmica espantosamente profunda. Às vezes Hellinger permite que os representantes relatem posteriormente seus processos interiores, outras vezes não. Em tais contextos tão amplos, nenhum terapeuta pode proporcionar uma "visão geral" e o encaminhamento para uma solução. Ele próprio, como os demais que presenciam o processo, limita-se a contemplar e acolher o que, no espaço dessa "alma maior", se manifesta em termos de movimento e de solução.

Tais representações ultrapassam os limites da constelação familiar. Muitas vezes os representantes relatam depois vivências e insights que os surpreenderam totalmente e que eles não teriam podido imaginar. Mesmo quando trabalha com famílias, Bert Hellinger vem confiando totalmente na manifestação dos movimentos da alma. Ainda mais fortemente do que antes, o olhar se converte das soluções procuradas dentro das ordens do amor à sintonia da alma com a realidade, da forma como esta se revela.